

## O BALANÇO DA MODERNIDADE: UM BREVE OLHAR PARA A CONVIVÊNCIA HUMANA

Almir Zandoná Júnior  
Mestrado em Educação – FE/UFG  
jrzandona@hotmail.com

A angústia expressada na modernidade é aqui considerada como objeto de análise a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos. Não sendo possível a dissociação entre modo de produção e organização social, a pretensão deste estudo é analisar as relações humanas no contexto de progresso dos meios de produção da vida material característico da modernidade e que se mantém em pleno funcionamento, se efetivando e se aprofundando como força social objetiva determinante na formação das subjetividades. Diante de tamanha complexidade a análise será feita a partir de uma pesquisa bibliográfica baseada em Eric Hobsbawn, Peter Gay e Marshall Berman e a literatura de Franz Kafka.

O espírito individual, competitivo e a fragilidade de vínculos, parecem dar sentido ao lema “*Cada um por si e Deus contra todos*” (HOBSBAWN, 2010. p. 320) *na modernidade*. Por modernidade consideramos as transformações econômicas, políticas, sociais, culturais que resultaram em novos estilos e padrões tanto na produção da vida material quanto na produção da subjetividade. Por conseguinte, a modernização é a teoria de como tornar as coisas modernas. Ou melhor, nas palavras de Berman,

*existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (1999. p. 15).*

O projeto do progresso de extensão do conhecimento, universalização da arte, saber e educação, produção de bens e serviços e a promessa de emancipação e de felicidade foram pautadas na razão iluminista, e encontraram no século XIX, o apogeu da experiência humana de ser moderno.

*Uma experiência é o encontro da mente com o mundo, no qual nem este nem aquela são jamais simples ou totalmente transparentes. Frequentemente banal à primeira vista, a experiência acaba por mostrar-se, sobretudo quando seguimos suas raízes até os remotos domínios do inconsciente, recalcitrante, fugida,*

*taciturna; criação de impulsos ambíguos e de conflitos não-resolvidos, ela não raro semeia confusões e impõe drásticas interpretações falsas. (...) As experiências comprovam, pois a existência de um tráfego ininterrupto entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, reconhece e reformula (GAY, 1998. p. 19).*

Considerando que o século XVIII era, na sua quase totalidade, rural e seus habitantes, se não ocorresse nenhum fator alheio a sua vontade – catástrofes ou alistamento militar, por exemplo – dificilmente sairiam do pedaço de terra em que viviam. A ordem feudal ainda era muito ativa, principalmente no que tange a política. Entretanto, economicamente perdia força. O aumento do custo de vida tornava os rendimentos da aristocracia cada vez mais defasados. A segunda metade do século viu um aumento demográfico significativo aliado ao crescimento do comércio, necessitava, portanto, de melhoria e aumento da produção agrícola. Se a aristocracia se via em situação difícil, a pobreza aumentou em número e grau, pois a cada dia se via mais indivíduos em condição de pobreza, e aqueles que já eram pobres tinham sua situação ainda mais intensificada, geralmente com grande escassez de alimentos.

No fim do século XVIII as ciências se debruçavam sobre os problemas produtivos, e que ganhavam contornos sociais.

*Pois, de fato, o 'iluminismo', a convicção do progresso de conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza – de que estava profundamente imbuído o século XVIII – derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica que se acredita estar associada a ambos. E seus maiores campeões eram as classes economicamente mais progressistas, as que mais diretamente se envolviam nos avanços tangíveis da época: os círculos mercantis e os financistas e proprietários economicamente 'iluminados', os administradores sociais e econômicos do espírito científico, a classe média instruída, os fabricantes e os empresários (HOBSBAWN, 2010. p. 47).*

Economicamente, a segunda metade do século XVIII passava por um momento de repentino e acentuado crescimento. Segundo descreve Hobsbawn (2010), O que se veio a ser conhecido como Revolução Industrial, determinou o processo produtivo capaz de produção em massa, rápida e ininterrupta. E apesar de outros países, principalmente a França, possuírem estágios políticos e científicos mais propícios para o progresso das máquinas, foi a Grã-Bretanha a precursora da Revolução Industrial. A história mostra que mais de um século as condições ideais já estavam sendo consolidadas na Grã-Bretanha, o espírito comercial e o desejo de lucro já eram aceitos pela política governamental, a agricultura exercia funções fundamentais, a saber, aumento da produção a fim de dar conta da alimentação da população e propiciar um acúmulo de capital para ser investido em outros setores da economia. “A política já estava engatada ao lucro. (...) No geral, todavia, o dinheiro não só falava como

*governava. Tudo que os industriais precisavam para serem aceitos entre os governantes da sociedade era de bastante dinheiro”* (HOBSBAWN, 2010. p. 47). Abria-se a porta para a industrialização e criava-se assim, duas necessidades básicas: a expansão da produção por meio de constantes inovações e o mercado mundial submisso a nação produtora. Obviamente, no decorrer da industrialização muitos conflitos e revoltas vieram à tona.

Entretanto, no que tange à política, coube a França certamente pelo seu estágio mais avançado, a construção do ideário moderno. *“A França deu o primeiro grande exemplo, conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa”* (Idem. p. 98). Fruto de um ardiloso consenso ideário de um grupo social no qual deu ao movimento revolucionário francês um caráter de unidade. *“O grupo era a ‘burguesia’; suas ideias eram as do liberalismo clássico, conforme formuladas pelos ‘filósofos’ e ‘economistas’ e difundidas pela maçonaria e associações informais”* (HOBSBAWN, 2010. p. 105).

No século XIX, portanto, desencadeou-se um crescimento urbano exarcebado alavancado pelo industrialismo, o abandono da vida rural em busca de algo melhor na cidade por alguns e pela impossibilidade de continuar vivendo da produção de suas pequenas terra pela maioria, fez com as cidades fossem tomadas de indivíduos em busca de trabalho nas indústrias. Junto com eles vieram os problemas sociais: falta de moradias e precariedades das já existentes, falta de saneamento básico, pestes e doenças provenientes de poluição, pobreza e mendicância.

O século XIX foi o século da experiência, e de fato, a promessa do progresso e de vida melhor encantava grande parte dos indivíduos. Contudo, nas palavras de Peter Gay:

*O que ocorreu no século XIX, porém, é que a própria natureza das mudanças se modificou, elas tornaram-se muito mais rápidas e irreversíveis do que haviam sido no passado. Foram também acentuatadamente irregulares: avanços nas ciências naturais não geravam automaticamente aperfeiçoamentos nos tratamentos médicos; o levantamento de informações sociais não se refletia rapidamente em reformas sociais. E tradicionais arranjos sociais, tais como vida familiar, foram conturbados pelo choque entre novas necessidades e os antigos hábitos. As mudanças no século XIX foram, pois mais frequentemente perturbadoras do que estimulantes* (1988. p. 43).

De fato, o leva e traz, um chega e sai frenético para o ritmo da sociedade naquele tempo. A todo instante imigrantes chegando ultrapassando fronteiras sobre os trilhos

ferroviários. O trem, depois da máquina, talvez tenha sido o elemento fundamental do início da modernidade. Gente que fugia do sofrimento, seja no campo, da falência do pequeno comércio, ou políticos ou perseguidos que buscava no “novo mundo”<sup>1</sup> uma vida melhor.

Não demorou e os sonhos de muitos foram interrompidos pela a cruel realidade. Não havia oportunidades para todos nas indústrias, mineração ou comércio das cidades. Além do mais, a valorização do trabalho era inversamente proporcional à dedicação a ele. Não obstante, o pauperismo e precariedade da vida solapavam as grandes cidades. Se por um lado a riqueza e prosperidade eram consumadas pela burguesia, possuidora do modo de produção e criadora das expectativas, por outro lado os trabalhadores se sucumbiam no processo de produção. As diferenças se intensificavam para além da divisão do trabalho e chegava à vida social, da moradia até o jeito de ser. Mas sem dúvida, a classe média era a mais preocupada com os valores liberais, haja vista que a burguesia não possuía um padrão ético-moral.

*A experiência do século XIX exige distinções mais refinadas do que estatísticas nuas e cruas. Foi a era do subúrbio, do faubourg, do vorort, cuja composição pendia cada vez mais para a classes operárias à medida que o século avançava, embora continuasse a abrigar as classes médias. (...) Este surpreendente desabrochar de aglomerações de classe média deu margem a alguma inveja e boa dose de zombarias. Ninguém era um alvo mais fácil para sátiras do que o habitante dos subúrbios: o modo com que se via sua vida, seu gosto e suas aspirações era distorcido e produziu uma torrente de críticas satíricas. (...) Com a multiplicação das fábricas, a invasão das estradas de ferro e estações ferroviárias, a expansão de edifícios da administração pública, a ascensão e queda de bairros considerados ‘nobres’, o século XIX produziu um caleidoscópio de mudanças habitacionais no interior das próprias cidades. As cifras que relatam essas mudanças apenas as resumem, sem contudo considerar as intensas experiências que cada uma dessas migrações provocava. As implicações dessas experiências, não eram totalmente compreendidas à época, mas diziam respeito às preocupações fundamentais da existência humana: moralidade sexual, disciplina no trabalho, coesão familiar, percepção do tempo-espaço e das oportunidades oferecidas pela vida (GAY, 1988. p. 46).*

O trabalho tornara-se um instrumento de filiação<sup>2</sup>, tanto no projeto de modernidade, quanto no grupo social a que se estava inserido. As distinções ética-morais entrelaçadas às distinções sócio-econômicas se intensificavam a cada dia, resultando naquilo que Marx<sup>3</sup> caracterizava como classes sociais, a saber: burguesia e trabalhadores. Para Marx, o que se constitui uma classe é projeto político-econômico-social. Fato esse que não permitia a classe média se enquadrar como tal. A classe trabalhadora ao se perceber em condições desumanas na realização do trabalho e na sua existência social, se depara praticamente com três caminhos possíveis, segundo (HOBSBAWN, 2010): o “aburguesamento”, ou seja, lutarem para se tornarem burgueses; a “acomodação”, reconhecer e aceitar as condições postas pela

burguesia; ou, a “revolução”, se rebelar contra a ordem instituída e construir o seu projeto classista, apropriarem-se das propriedades privadas.

Os problemas sociais surgidos foram logo atribuídos à “falta” de moral dos trabalhadores, principalmente os mais pobres: infanticídio, prostituição, suicídio, demência, alcoolismo, além do aumento da criminalidade e violência. A constituição da intelectualidade e moral própria dos trabalhadores era precária e superficial devido à falta ou péssimas condições de formação e educação, dessa forma muitos aceitavam as incumbências da burguesia que desenvolvera a medicina social a fim de diminuir os impactos dos sofrimentos e problemas sociais no ideário moderno. Medidas tomadas nas indústrias aumentavam o controle dos trabalhadores para além das paredes da indústria. Um dilema parecia fazer muito sentido para os trabalhadores: “ruim aqui, pior sem”. As dificuldades de sobreviver sem um trabalho desde daquela época era uma arma poderosa que a burguesia usava a seu favor.

Com todos esses elementos, na sua grande maioria os trabalhadores se viam em condição de despreparo intelectual, com exceção alguns membros mais esclarecidos e teóricos, e em vias de “desmoralização”, ou seja, os trabalhadores perdiam suas raízes culturais e inculcavam os sentidos burgueses da vida moderna. Logo o movimento de resistência dos trabalhadores foi sendo vencido. Cada dia mais adeptos se emergiam na lógica do progresso, e contraditoriamente, quanto mais o progresso se desenvolvia piores eram as condições humanas. Os movimentos trabalhistas estavam todos desarticulados e a burguesia agia principalmente no sentido apenas de diminuir os problemas sociais, até porque, pela ideologia liberal cabe somente ao indivíduo sair de sua condição de inferioridade e precariedade. Assim sendo,

*a moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. (...) Em tempos como esses, 'o indivíduo ousa individualizar-se'. De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente 'de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, à auto-libertação'. As possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis. 'Nossos instintos podem agora voltar atrás em todas as direções; nós próprios somos uma espécie de caos'. O sentido que o homem moderno possui de si mesmo e da história vem a ser na verdade um instinto apto a tudo, um gosto e uma disposição por tudo (BERMAN, 1999. pp. 21-2).*

Contudo, adiante o mesmo autor observa:

*As velhas formas de honra e dignidade não morreram; são antes, incorporadas ao mercado, ganham etiquetas de preço, ganham nova vida, enfim, como mercadorias. Com isso, qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em*

*que se mostre economicamente viável, tornando-se 'valiosa'; tudo o que pagar bem está em livre curso (Ibid. p. 108).*

A promessa de felicidade de todos e a livre realização dos indivíduos se transformava em um sonho distante. O projeto da burguesia só se fazia jus à própria burguesia. O ideário francês de liberdade, igualdade e fraternidade se tornavam contraditório, para não dizer oposto à força objetiva da sociedade.

Ora, pensar o século XIX como experiência mal sucedida da burguesia, gerando ansiedade e desilusão em grande parte das sociedades num primeiro momento, e a desigualdade social, desmoralização e desumanização do trabalhador num momento posterior, nos remete a uma idéia sobre a vida em comunidade. Por um lado, a burguesia se esbanjando no doce lucro do capitalismo, a classe média travando uma luta moral e ética para se diferenciar em todos os sentidos dos pobres, e por sua vez, a classe trabalhadora desiludida, desarticulada e despreparada para uma postura mais firme de revolta ou reviravolta. Por último, os miseráveis que se desintegravam por todas as cidades assombrando a todos, e servindo de exemplo negativo para aqueles que não aderissem ao projeto burguês. Tudo isso regado com o ideário liberal, no qual destacamos o individualismo como objeto determinante para a convivência, ou a falta dela, melhor dizendo.

Pensar a inexistência de convivência entre as distintas classes sociais seria compreensível, por seu próprio antagonismo, pois, os sentidos, significados e valores eram diferentes. A vida regida pelo o lucro desconsiderava essas diferenças, ou pior, desconsiderava o indivíduo como um ser possuidor de uma vida própria. O descaso da empresa com o problema de Gregor<sup>4</sup>, por exemplo, demonstra a perda do valor humano.

*– Senhor Samsa – interveio o gerente, elevando a voz –, o que isso significa? O senhor entrincheirou-se aí em seu quarto, respondendo somente sim ou não. Deixa seus pais preocupados inutilmente e, diga-se de passagem, falta à sua obrigação na firma de maneira verdadeiramente inacreditável. (...) é verdade que o chefe insinuou hoje cedo uma possível explicação para a sua falta: referia-se à cobrança que pediu para o senhor realizar, na qual o pagamento iria ser feito em dinheiro vivo (KAFKA, 2001. p. 15).*

Assim, Gregor que já avaliava a situação refletia:

*Por que estaria condenado a trabalhar numa empresa em que uma simples ausência mobilizava suspeitas terríveis? Será que os funcionários, quaisquer não havendo entre eles nenhum homem honesto que, após ter-se atrasado apenas duas horas para cumprir obrigações da firma, tivesse ficado louco de arrependimento a ponto de ter condições de deixar a cama? Não bastaria mandar um rapaz para pedir informações, supondo que a obsessão de investigar a vida dos funcionários tivesse algum sentido?*

*Era necessário que viesse o próprio gerente para mostrar a uma inocente família que somente ele tinha autoridade para fazer isso? (Ibid. p. 12).*

Todavia, o problema se estende para além de um problema de classe, quando pela obra de Kafka percebemos a reação da família e as atitudes ao passar do tempo com o besouro Gregor. Ao ver que o filho acabava de perder o emprego o pai logo tratou de trancá-lo à força no quarto. Gregor era o arrimo da família, trabalhava para pagar dívidas da família e fazia planos de estudos para a irmã no conservatório de música. Mas o tempo passava, e o único contato que mantinha com a família, e mesmo assim muito frio, era com a irmã que o alimentava, a mãe não conseguia entrar no quarto para ver o filho, e o pai, cheio de ódio, teve que voltar a trabalhar para sustentar a casa. O descaso com Gregor era tamanho que a família decidiu, sob o pretexto de auxiliar nas despesas, alugar um quarto da casa, e a todo tempo trataram de esconder o filho inseto a fim de não perder o inquilinato. Em todo o decorrer da história, a família parece não se preocupar de fato com o filho, mas sim, com as dificuldades que aquela situação trazia, principalmente econômicas. Também não há relatos de visitas de amigos ou colegas de firma, o que dá mostras das fragilidades dos vínculos humanos.

Obviamente, tudo não se passa de uma história criada pelo majestoso Kafka<sup>5</sup>. Contudo, ao considerar a importância desse autor e o período em que viveu e escreveu a obra, percebemos que a história representa e apresenta muito bem o período marcante da modernidade, no qual se refere ao século como a *época do absurdo*. A metamorfose de Kafka pode ser interpretada muito bem como as transformações ocorridas na e pela modernidade, o seu inseto representa bem o ser humano dessas mudanças repentinas, mas que nada aparece como tão estranho e tudo como coerente. “(...) a crença de que a ‘vida moderna’ implica um todo coerente. (...) isso pressupõe uma unidade da vida e experiência, que envolve a política e a psicologia, a indústria e a espiritualidade, as classes dominantes e as classes operárias na modernidade” (BERMAN, 1999. p. 87).

Continuando com mais uma passagem de Gregor na qual, explicita bem o radicalismo da falta de comunicabilidade, afeto e compreensão com o outro, segue:

*Gregor, encostado à porta, ergueu a cabeça e olhou em direção do pai. Em sua nova condição, Gregor ainda não tivera a oportunidade de vê-lo: era verdade que nos últimos tempos, demasiadamente ocupado em aprender como arrastar-se, e outras habilidades pertinentes a seu novo estado, deixara de preocupar, como antes, com o que se passava no resto da casa. Portanto, devia estar preparado para encontrar, inclusive, mudanças no comportamento de seus familiares. Mas apesar de tudo, aquele era realmente seu pai?(p. 45). (...) Não, agora era outro homem, rijo e ereto, ostentando um uniforme azul com botões dourados, como aquele usados pelos contínuos dos bancos. **O pai**, atirou no sofá o boné que usava e percorrendo a sala num movimento sinuoso, foi em direção a Gregor, olhando-o duramente, com as mãos nos bolsos e as pontas do comprido casaco recolhidas*

*para trás (p. 46). (...) Nisso, algo passou raspando a cabeça de Gregor e rolou até um pouco mais à frente: era uma maçã, logo seguida de outra. Temeroso, Gregor deteve-se, considerando inútil continuar correndo, pois o pai havia decidido bombardeá-lo. (...) Uma acertou-lhe as costas, mas deslizou sem causar grandes danos. Em compensação, a seguinte lhe pegou as costas em cheio, cravando-se ali (KAFKA, 2001. p. 47).*

O inseto de Kafka pode ser entendido muito bem como o sujeito da não conformidade moderna, o sujeito da reflexão momentânea, mas também, o da possibilidade de consciência, mesmo que diante da fragilidade do inseto, que apesar de sua viscosidade ainda vislumbra a possibilidade de pensar sobre a condição humana naquele momento, mas principalmente o sujeito que provoca nojo e mal-estar por denunciar a fragilidade da (des)ilusão humana na promessa de humanização proposta pela modernidade.

*A grave ferida de Gregor, que o fez padecer durante mais de um mês pareceu fazer o pai lembrar-se de que Gregor era um membro da família e que, a despeito de sua repulsiva e patética condição atual, não podia ser tratado como um inimigo, mas, pelo contrario, era um dever da família superar a repugnância e ser tolerante, muito tolerante (p. 49). (...) Dias e noites passavam sem que Gregor conseguisse dormir direito. Por vezes, pensava que iria abrir a porta do quarto e encarregar-se das questões da família, como antes. Em sua mente retornavam as figuras do chefe e do gerente, dos funcionários internos e dos aprendizes, daquele idiota do contínuo, de dois ou três conhecidos de outras firmas, de uma camareira de um hotel de província, além de uma lembrança querida e passageira: a de uma moça que trabalhava como caixa em uma loja de chapéus, a quem ele havia cortejado, mas sem o empenho necessário. Essas pessoas apareciam em seu pensamento misturadas a outras, estranhas e já há muito tempo esquecidas; mas como nenhuma delas pudesse prestar qualquer ajuda, nem a ele nem à sua família, sentiu-se aliviado quando finalmente conseguiu apagar aquelas recordações (Idem, p. 52-3).*

A representação de Kafka nos traz, além de inquietações sobre as atitudes humanas em sua obra, também mostras dos sentidos e significados dados às relações humanas. É possível questionar sobre o trato da firma com o funcionário, sobre a vida familiar, sobre as escassez e fragilidade de amizades, a falta de tolerância, e sobre a preocupação maior, desde daquele período, a saber, consigo mesmo.

*De manhãzinha, quando a faxineira chegou foi logo fazer a Gregor sua habitual visita, nada notando de especial. Pensou que ele estivesse imóvel para mostrar-se ofendido com algo, pois o considerava capaz de entender tudo. Casualmente, ela estava com uma vassoura na mão e resolveu fazer cócegas em Gregor. Como ele não respondeu à brincadeira, ficou irritada e passou a cutucá-lo, se encontrar nenhuma resistência. Logo compreendeu o que havia se passado, deu um assobio de surpresa e, abrindo estrepitosamente a porta do quarto dos pais, gritou:  
- Ei, venham ver, ele bateu as botas, está lá esticado! Ele bateu as botas! (...).  
- morto? – disse a senhora Samsa como se estivesse fazendo uma pergunta à faxineira, embora ela pudesse comprovar o fato por conta própria.*



*- é isso mesmo respondeu a empregada, empurrando com a vassoura o cadáver de Gregor, como para comprovar a veracidade de sua afirmação. A senhora Samsa esboçou um movimento para conte-la, mas se deteve.*

*- Bem – disse o senhor Samsa -, agora podemos agradecer a Deus (p. 65-6). (...) Aquele seria um dia para descansar e passear: não apenas mereciam uma folga no trabalho, como dela necessitavam imensamente (p. 69). (...) E enquanto os três conversavam, o senhor e a senhora Samsa perceberam, quase ao mesmo tempo, que a filha tinha convertido numa jovem formosamente vistosa. Numa quietude calma entendendo-se quase inconscientemente através da troca de olhares, os dois pensaram que já estava na hora de encontrar um bom marido para ela. E quando a filha, ao final da viagem, levantou-se e esticou preguiçosamente o corpo jovem, tudo pareceu confirmar seus novos sonhos e intenções (KAFKA, 2001. pp. 70-1).*

Os problemas materiais, seja na ordem econômica, político ou social, deságuam sobre a convivência social, ao ponto dessa se tornar insuportável. A mercadorização das relações humanas resultantes do progresso da modernização caminha no sentido inverso da sociedade fraterna projetada pela burguesia. Entretanto, mesmo com mais de dois séculos, as descobertas da sociologia, em suas várias matrizes filosóficas, não conseguiram proporcionar grandes modificações sociais.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: as aventuras da modernidade.** São Paulo; Companhia das letras, 1999.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** São Paulo; Companhia das Letras, 1988.

HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções: 1789- 1848.** São Paulo; Paz e Terra, 2010.

KAFKA, Franz. **A metamorfose.** São Paulo; Nova Alexandria, 2001.

<sup>1</sup> A influência das mudanças foi expressa adequadamente pelo emprego encantador do termo “novo”. (...) cada pessoa oferece ao mundo sua fórmula particular de novidade. E sem dúvida: “as fórmulas já prestaram seus serviços e agora reina uma sede irresistível do novo”. (GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo; Companhia das Letras, 1988. p. 47).

<sup>2</sup> Sobre o assunto consultar obra de Robert Castel; “*Metamorfose das questões sociais: crônica sobre o salário*”.

<sup>3</sup> Sobre o assunto consultar obra de Karl Marx; “*O manifesto do partido comunista*”.

<sup>4</sup> Gregor Samsa não sabia agir naquela situação, e já perdera algum tempo no quarto, quando o gerente da empresa chega para saber o motivo de Gregor não ter ido trabalhar ainda, mesmo com a família deduzindo um problema de saúde. Mas o gerente responde: “(...) – espero que não seja nada sério. Contudo, preciso dizer também que nós, comerciantes, de um jeito ou de outro, muitas vezes temos de passar por cima de uma indisposição qualquer para cumprirmos com as nossas responsabilidades.” (KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo; Nova Alexandria, 2001. p. 14).

<sup>5</sup> Franz Kafka (1883-1924), judeu tcheco de expressão alemã, advogado de formação. O estilo assumidamente contido na obra evidencia ainda mais a descrição do mundo de Gregor Samsa em “*A metamorfose*”, diminuto território a partir do qual podemos observar a aventura humana com outros olhos. Um livro que permanece terrivelmente atual, que não faz nenhuma concessão e apresenta a condição humana – a nossa condição humana – numa época de solidão, violência e incomunicabilidade.